

# O Audiovisual como processo denunciativo da vulnerabilidade sócioambiental no Lixão Massapê em Juazeiro do Norte – Ceará

Josuel Mariano da Silva Hebenbrock

duel@gmx.net

FAP- Faculdade Paraíso do Ceará

## Resumo

Denúncias através das lentes do audiovisual. O presente trabalho tem por objetivo mostrar a realidade vivida pela comunidade Massapê pesquisada *in loco* e denunciar preconceito, abandono e descaso. A metodologia usada foi a narrativa com imagens fílmicas, tendo como embasamento teórico: os estudiosos: DEBRAY (1992), tratando da civilização da imagem; MACHADO (1994) que discutindo o conceito da imagem técnica como mediação de apreensão da realidade e, por último, CARRIÈRE (1995) mostrando o documentário como uma idéia de veracidade. Na conclusão, levantou-se sugestões de como o poder público poderia apaziguar a situação desses atores vulneráveis com aplicação de políticas públicas.

Palavras-chave: Vulnerabilidade Sócioambiental, Audiovisual, imagens fílmicas.

## Abstract

Complaints through the lens of the audiovisual. This study aims to show the reality experienced by the Massapê community studied *in situ* and denounce prejudice, abandonment and neglect. The methodology used was a narrative film with images, with the theoretical referential the scientists: DEBRAY (1992), who speak about civilization of image, MACHADO (1994) discuss about the concept of technical image as judgment the reality and CARRIÈRE (1995) demonstrate the documentary as the credibility. In the end this work will be demonstrate suggestions as the public power will be able to calm the situation this vulnerable actors with application of public politics.

Keywords: vulnerability socio-environmental, audio-visual, cinematically images

## 1 Introdução:

É inegável o poder dos meios de comunicação sobre o conhecimento, as opiniões e o modo de ver a realidade. Tanto assim é, que Ítalo Calvino (1990, p. 107), assevera que,

Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por traços sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo.

O desembocar de imagens e mensagens auditivas e visuais transmitidas pelos meios de comunicação afetam a população em geral. É de suma importância o papel desempenhado pelos meios de comunicação na mediação da realidade no processo denunciativo, uma vez que eles têm a capacidade de registrar e transmitir imagens e mensagens a uma grande parcela de seus públicos como também o conhecimento já produzido por determinada comunidade ou grupo ao longo do tempo. A utilização do Audiovisual, precisamente de um documentário, como

processo denunciativo da vulnerabilidade sócioambiental vivida pela comunidade do Lixão Massapê em Juazeiro do Norte, sul do Estado do Ceará, busca fazer refletir como podem ser utilizados esses poderosos transmissores de informações em benefício de uma sociedade ou de uma determinada comunidade, neste caso a citada no título deste artigo.

Este artigo se apresenta como parte do documentário “Aterro dos mortos-vivos” apresentado ao Fundo Brasil de Direitos Humanos 2009, o qual denuncia a violação de direitos sócioambientais e discriminação no lixão Massapê na cidade de Juazeiro do Norte-Ceará. O objetivo deste, além de mostrar a realidade vivida pela comunidade pesquisada *in loco* e denunciar o preconceito, abandono, fome, descaso social e político pela mesma, é complementar também através de embasamentos teóricos as imagens fílmicas. Para isso, se faz necessário trabalhar com conceitos de cultura da mídia dentro de uma perspectiva contemporânea, definir vulnerabilidade social e ambiental e inter-cruzar conhecimentos de teóricos sobre o tema, e a vivência dos moradores do Lixão Massapê por meio de suas narrativas.

Como base teórica utilizou-se os ensinamentos de estudiosos que trata da civilização da imagem, com discussões acerca do conceito da imagem técnica como mediação de apreensão da realidade e, por último, o qual mostra o documentário como uma idéia de veracidade. (DEBRAY, 1992; MACHADO, 1994; CARRIÈRE, 1995).

O aporte social do trabalho será embasado por teóricos que conceituam vulnerabilidade sob a égide sócioambiental, que são as bases da narrativa dos entrevistados, os quais darão veracidade tanto ao artigo quanto ao documentário. Para concluir a parte teórica dando maior sustentabilidade à questão técnica, trabalhou-se a questão do Cinema e Pesquisa com seres humanos, bem como, ainda, nas considerações finais, procurou-se esboçar sugestões as quais poderão nos dar possibilidades viáveis de soluções.

## **2 A imagem em movimento como forma ampla da natureza humana**

O estudo da imagem, seja, ela estática ou em movimento, tem se tornado alvo de crescente interesse por parte de pesquisadores e comunicólogos, por permitir uma visão mais ampla da natureza humana.

As imagens sempre se constituíram num lugar de refúgio, uma forma de viver a dissidência, expressão de uma utopia renovada. Por esta razão, não se

aconselha ver apenas as imagens do cotidiano, porém, ter a capacidade de captar sua mensagem, isto é, ler as imagens. O artigo, que se apresenta como um recorte de um documentário, busca propor uma leitura crítica para a aquisição consciente das idéias comunicadas pelas formas imagísticas. (MAFFESOLI, 1995).

Se observarmos, como já dito inicialmente, chegaremos à conclusão de que as quantidades de imagens nos passadas a vista, deixam-nos tão lesados a ponto de perdemos a capacidade de narrá-las. Isso se dar devido ao fato de uma parte do ocidente já não crente no tocante às imagens de Santa Geneviève de protegerem Paris ou que a Majestade de Conques cura lepra e as hemorróidas, mesmo tendo em vista haver uma discordância nesse sentido, pelo fato de que a passagem das imagens para o domínio comum não as fez perder o seu mistério. (DEBRAY, 1992; MIRANDA, 2007).

Nessa perspectiva é que Miranda (2007, p. 26), defende que:

Ainda na metade do século XIX, com a intervenção da fotografia e do cinema e, mais recentemente, o vídeo e o computador vêm influenciando decisivamente o modo como a leitura do mundo acontece na sociedade contemporânea. [...] Por outro lado as imagens sempre funcionaram como mediação efetiva da relação do homem com o mundo.

Se a afirmação desta teórica procede, em relação às imagens, com a questão efetiva do homem para o mundo, qual o questionamento de outros estudiosos para com a imagem técnica como mediação de apreensão da realidade? Será que elas - imagens técnicas - têm a mesma relação afetiva homem-mundo? Para respondermos a esse questionamento, conceituamos a imagem técnica como uma mediação de apreensão da realidade, pois na verdade, o interessante é estar imune à subjetividade humana. (MACHADO, 1994).

Observa-se, também, que a multiplicação de instrumentos técnicos óticos, ou como preferiu chamar de as *maquinas de visão*, apresentam como mediadores da relação do homem com o mundo, e os avanços tecnológicos dos transportes alteram o campo perceptivo do sujeito contemporâneo. (VIRILIO, 1994).

As maquinas de visão possibilitam o aclaramento dos detalhes imperceptíveis aos olhos humanos, pois o olhar humano é substituído pela busca da objetividade, que passa a ser delegada aos instrumentos óticos. Miranda (2007, p. 30), por exemplo, defende que,

Fotos, vídeos são cada vez utilizados como prova de veracidade (assim como o gravador e outros dispositivos técnicos sonoros) para fins policiais, militares, científicos ou jornalísticos, bem como para a razão do Estado. A verdade está na imagem captada pelas máquinas de visão e reproduzida infinitamente.

Ao se referir às máquinas de visão, não podemos deixar de mencionar o papel do cinema como objeto de pesquisa de cientistas ao estudarem o movimento, como é o caso de Lumière. O cinema também contribuiu para a ilusão da verdade, chamada de impressão da realidade, visto ter sido essa grande “verdade” provavelmente a base do sucesso do cinema. (BERNADET, 1980).

Já o conceito de veracidade ganha ainda mais força com o documentário, ou seja, o *cinema-verité*, onde a maioria dos diretores buscam, no documentário, a interpretação do real, a objetividade e a neutralidade. Numa das passagens de seu livro, *a linguagem secreta do cinema*, este trata da questão do enquadramento e o sentido da verdade.

Mas há indagações a serem feitas, tais como as de Carrière (1995, p. 40), quando pergunta:

Mas o que dizer do enquadramento, que circunscreve um determinado trecho da rua? Ou das lentes imóveis ante o tempo, que relega ao passado todas as coisas filmadas? O que dizer de nosso olhar contemplativo, de nossa escolha dessa rua específica? Onde está a verdade? E qual verdade?

Essa relação entre o homem e a máquina, vislumbra o olhar humano através da imagem tecnológica aponta para o mesmo lugar, mesmo afirmando ser diferente a objetividade da máquina e a subjetividade de quem a manuseia.

Foi pensando em trazer à tona um caso de vulnerabilidade sócioambiental e mostrar a real necessidade dos catadores do Lixão Massapê, que resolvemos mostrar o dia-a-dia em imagens fílmicas dos moradores desta comunidade.

### **3 A Vulnerabilidade Sócioambiental no Lixão Massapê**

Conforme explanado na introdução deste artigo, antes de começar colocando os pontos mais críticos, captados pelas lentes das câmeras, se faz necessária uma explicação do conceito de *vulnerabilidade sócioambiental*. Há nessa ordem uma divisão de conceito em duas partes: a) Na primeira, ele fala da coexistência ou sobreposição espacial entre grupos populacionais muito pobres e com alta privação, ou seja, este constitui a vulnerabilidade social, e; b) Na segunda é a vivência dessa

população carente em uma área de risco ou degradação ambiental (vulnerabilidade ambiental). (FONSECA ALVES, 2004).

É justamente a junção desses dois conceitos que se considera uma situação de vulnerabilidade sócioambiental. A noção de vulnerabilidade é definida como uma situação em que estão presentes três elementos: a exposição ao risco; a incapacidade de reação; e a dificuldade de adaptação diante da materialização do risco. (TORRES e MARQUES, 2002).

Por outro lado esse conceito, dentro de uma perspectiva geográfica, pode ser vista como a interação entre o risco existente em um determinado lugar e as características e o grau de exposição da população lá residente. (CUTTER, 1994).

Ressalta-se que esse conceito também está envolvido diretamente no tratamento dos problemas ambientais urbanos. Portanto, a hipótese levantada, neste trabalho, é de que a vulnerabilidade sócioambiental no Lixão Massapê é um fator relevante na configuração da distribuição espacial das situações de pobreza e privação social na periferia da cidade de Juazeiro do Norte. (PELLING, 2002).

Como já mencionado, e bem mais explícito no título do artigo, o objetivo deste é denunciar através de imagens filmicas a violação de direitos sócioambientais bem como a discriminação no Lixão Massapê em Juazeiro do Norte-CE. Para tanto, foram entrevistados cinco catadores de lixo que moram e trabalham ou só moram no local, dando como resultado da pesquisa o documentário intitulado: “Aterro dos Mortos-Vivos.”

Antes da elaboração do Documentário, se fez necessário um estudo de campo para a construção metodológica do objeto em análise - as situações de vulnerabilidade sócioambiental -, bem como de outros procedimentos, descritos a seguir. Em primeiro lugar, realizou-se um mapeamento dos trabalhadores, classificando-os em três grupos: a) trabalhadores moradores; b) trabalhadores - moradores semanais (os que vão para casa no final de semana e voltam ao lixão na segunda-feira), e; c) trabalhadores diários.

Feita a classificação, decidiu-se depois, agregar esses três grupos em outros subgrupos, os de *Alta, Média e Baixa* vulnerabilidade sócioambiental. Ou seja, foram denominados de grupo de alta vulnerabilidade sócioambiental os trabalhadores moradores: os que trabalham e moram no aterro. Estes, não tendo possibilidade de locomoção, não possuindo casas, nem familiares fora do local de trabalho, estão

mais vulneráveis a doenças e ao preconceito pelo fato de estarem suas vidas resumida ao aterro.

Já o grupo de média vulnerabilidade são os trabalhadores – moradores semanais -, cuja diferença com relação aos de alta não se dar em questão de doenças ou do contato direto com o lixo. Antes, a distinção fica notável no tocante ao preconceito, pois, para muitos trabalhadores, moradores semanais, passar o final de semana em casa é ganhar o status de trabalhador e não de morador.

O grupo de baixa vulnerabilidade são os trabalhadores diários, os quais cumprem suas oito horas de trabalho e voltam para casa todos os dias. Jornada de trabalho não especificamente durante o dia, visto que maioria dos trabalhadores diários prefere trabalhar à noite, por exercer outras atividades na cidade durante o dia. Para muitos, mesmo a noite sendo mais perigosa, por questão de visão, preferem trabalhar neste horário, pois o lixo está mais rico em materiais vendíveis. Além disso, também se preocupam com a saúde, principalmente, no que se refere ao saneamento básico local. Diante da câmera, essa diferença entre os grupos vulneráveis fica muito mais visível. Posteriormente será mostrado o documentário como uma forma de reprodução da veracidade.

#### **4 O documentário como reprodução da veracidade**

Trazendo à realidade do Lixão Massapê o documentário (como pretensão de veracidade) tenta retratar o dia-a-dia da comunidade residente neste aterro, buscando mostrar, através das lentes, as dificuldades ali vividas pelos moradores e trabalhadores. Para a confecção deste documentário, fez-se necessário não só um enquadramento que circunscreve uma determinada parte do aterro, mas também uma seleção de narrativas captadas por gravadores e lentes das câmeras. Podemos chamar esse processo de técnicas de reprodução relativas à imagem ou vítima da instrumentalização da visão.

Miranda (2007, p. 31), afirma que,

A possibilidade de uma obra de arte ser reproduzida inúmeras vezes traz não apenas uma mudança nas obras de arte do passado, mais impõe formas originais de arte, nas quais a reprodução técnica lhe é constitutiva e traz consigo a perda da *aura*.

Há contudo, uma demonstração de que a reprodução da arte, neste caso particular, o Lixão Massapê, não deixa de ser uma obra pelo fato de sua reprodução, porque nela vem incutida sua forma original. Enfatiza-se melhor a afirmação de Miranda estatizando-se as imagens em forma de texto, através de transcrições de algumas narrativas captadas no aterro:

a) Galega, 50 anos, natural de Juazeiro do Norte, mãe de dois filhos, viúva, há 7 anos trabalhando no Lixão Massapê. Problemas, segundo ela, há vários, um deles, é a falta de privacidade, bem como da questão da higiene básica na hora do banho ou na troca da roupa, fator este bastante relevante para a implantação de uma cooperativa, afirma. Para Galega, a única forma de democratizar o lixão seria através de uma cooperativa, mesmo a grande maioria dos catadores não estando de acordo, principalmente os que ganham mais, pois, na visão dela, o ganho seria dividido entre todos. Na cooperativa, conforme esta, teria direito ao remédio, água, televisão na hora do almoço e uma hora para o descanso. Não teria problema na indicação do local, pelo patrão, a se trabalhar desde que lhe fossem oferecidas melhores condições de vida. Preconceito? Galega já sentiu na pele. Ao sair do lixão às 16h, após 10 horas de trabalho toma uma condução de volta para casa, e, por não haver tomado banho pela falta de água no local, foi mal tratada e olhada com desdém.

b) Francisco Wellington dos Santos Silva, 27 anos, natural de Juazeiro do Norte e, há 6 anos repassador de lixo. Chega a ganhar mensalmente dois salários mínimos, comprando e vendendo materiais como: plástico, vidro, alumínio e painéis. Ele é um dos rebatedores da implantação de uma cooperativa no local afirmando ser melhor, colocar seu próprio negócio a ter um patrão, caso o lixão seja desativado, devido ao fato de este ter grande representatividade para esses trabalhadores. De acordo com esse repassador, mais de 1000 pessoas vivem direta ou indiretamente do lixão. E ainda comenta que o lixo representa pouca ou quase nenhuma forma de violação para essas pessoas, pelo fato de elas não terem o menor conhecimento de seus direitos. Com relação ao preconceito, o mesmo afirma nunca haver sido discriminado, antes, sempre foi louvado pelo trabalho desempenhado pela cooperação para com o

meio ambiente. Sobre o lixo hospitalar, um dos grandes problemas da Comunidade Massapê, este vem tirando o sono de muitos trabalhadores, dentre os quais Wellington se posiciona ao afirmar que esse tipo de lixo deveria ser colocado em outro lugar ou incinerado.

c) Maria Edjane, 17 anos, mãe de um filho e trabalhadora do lixão há 7 anos afirma ser este a sua única fonte de renda, sendo dali de onde tira o complemento do sustento de seu filho. Segundo ela um dos grandes problemas é a falta de água no local de trabalho e a mistura do lixo hospitalar, impedindo ela de ganhar dinheiro, devido o receio de ser infectada por uma injeção caso trabalhe. Em relação ao preconceito, afirma nunca ter sofrido, ao contrário, sempre recebeu apoio da família e das amigas, por não precisar se prostituir para manter o seu filho. Porém, não descarta as críticas ao Governo e à sociedade de terem esquecidos das mulheres ali naquele local e de nunca terem dado oportunidades de uma vida mais digna para as mesmas.

d) Francisca Raimunda Sena de Oliveira, 50 anos, natural de Mossoró – Rio Grande do Norte, casada, mãe de um filho, trabalha há 20 anos com lixo. Segundo ela, já trabalhou em 14 locais onde o lixo era depositado e concorda com a implantação de uma cooperativa, por acreditar ser o lixo a única fonte de renda atual, proporcionando-lhe ganhar mensalmente cerca de 480 reais junto com o marido. Francisca afirma que o motivo de uma grande quantidade de gente procurar o lixão como fonte de renda, é a falta de emprego na cidade. Sendo uma das moradoras mais antiga e respeitada pelos catadores de lixo, declara que a lei imperada no local é a *Dente por Dente, Olho por Olho*, além disso, sonha ela um dia em conseguir também uma casa própria na cidade e outra fonte de renda para se manter. Preconceito, na vida de Francisca, já faz parte do dia-a-dia, fato que, segundo ela, nada representa, pois, com fé em Deus tudo se perpassa. Também é neste e na família que esta encontra a felicidade.

## **5 Minorias marginalizadas representadas no Audiovisual**

A responsabilidade e o poder do Documentário, como parte da interface entre o audiovisual e a denúncia, é imensurável, pois tem ele, hoje, grande uso em suas



diversas formas: meio de denúncia, arquivos históricos e instrumento paradigmático fundamental. Quando este vem sendo relacionado ao contexto sócioantropológico como: presenças de populações negras, pobres, marginalizadas e oprimidas e destacadas não como papel coadjuvante, vem a contribuir para uma abertura de debates, em escala mundial, acerca dos direitos humanos, em especial, os relativos à mulheres, à população em situação de vulnerabilidade e à infância (FONTES, 2007).

Concernente ao documentário “Aterro dos Mortos-Vivos” em particular, essa minoria marginalizada se torna mais evidente. É, também, no momento das entrevistas no qual ela toma vez e voz para denunciar com suas próprias narrativas o abandono e o descaso das autoridades políticas em relação a esta comunidade. Trazendo essa discussão à realidade da comunidade Massapê, observa-se que, ao contrário dos filmes americanos, buscar-se, com o documentário dar voz e direito a esta população menos abastada e, tenta-se atribuir ao poder dado ao documentário uma margem de abrangência, possibilitando a esta classe vulnerável ser ouvida e vista pela sociedade.

Observa-se que classe média urbanizada e a elite rural, propulsora dos filmes de grande bilheteria, remetia à classe menos abastada, classificada, atualmente, como população vulnerável e oprimida, sem voz e direitos nos enquadramentos da indústria cultural, prejudicando essa classe em termos de verossimilhança.

Para Fontes (2007, p. 55):

Observa-se, que o poder do Audiovisual também, é direcionado para estimular o preconceito, se observarmos alguns filmes como os feitos no período pós-guerra, veremos que os personagens a morrer eram em sua maioria russos ou pessoas do leste europeu, ou seja, pessoas vulneráveis. A mesma trajetória se ver nos filmes americanos, onde os vilões são em sua maioria oriundos de países indesejados como: Polônia, Vietnam, México, ou seja, sub-raças para os americanos.

Para ilustrar esta citação, basta assistirmos filmes como: *Cidade de Deus*, do diretor Fernando Meireles, e *Central do Brasil*, do diretor Walter Salles para observarmos como a vulnerabilidade sócioeconômica ainda enche salas de cinemas e comove públicos euroamericanos.

## **6 Considerações Finais**

Observa-se que as imagens retratadas na fotografia e nas imagens em movimento do cinema e do vídeo acabam por imprimir novos contornos, ou seja, tudo pode ser atraído pela câmera, tornando qualquer universo, mesmo distante, próximo e presente, como no caso do Lixão Massapê em Juazeiro do Norte. A abordagem da problemática “vulnerabilidade sócioambiental” sempre foi tema de debates nacionais e internacionais, apresentado em agendas de grandes organizações estrangeiras. Neste trabalho, procurou-se mostrar a categoria de vulnerabilidade sócioambiental em sua interface com o Audiovisual como processo denunciativo. Desta forma, procurou-se também identificar pontos considerados área de riscos, bem como os moradores e as suas necessidades de se integrarem num mercado de trabalho, vindo a possibilidade de uma inclusão social. (MIRANDA, 2007).

Com relação aos resultados deste, verificou-se que, no interior do grupo de alta vulnerabilidade sócioambiental, existem diferenças significativas nas condições sócioeconômicas. Criam-se situações, nas quais, justamente o grupo social com maior nível de pobreza e privação social reside e trabalha no aterro em quanto outros apenas trabalham, deixando-o todos os dias ou apenas nos finais de semanas. Outro ponto divergente entre os moradores e trabalhadores do aterro é em relação à implantação da cooperativa. Pode-se observar que nem todos os trabalhadores estão de pleno acordo com isto, principalmente, os repassadores do lixo, ou seja, os que têm contato com o mundo externo e conseguem uma margem de lucro superior a um salário mínimo.

Através das narrativas, vê-se também uma isenção do poder público, o que torna os catadores incrédulos no tocante ao que é dito pela classe política, principalmente, com o tema “cooperativa”.

Nessa ótica há discussões em que se afirma que o Estado, em geral, parte de um modelo uniforme, inibindo à diversidade de estruturas e à criatividade social na intervenção. Em seu estudo, ele também lança sugestões de como esses catadores podem se organizar. A título de exemplo destaca-se: a) a criação de novas formas de confiança mútua entre os catadores e o poder público, e; b) a formação de organizações autônomas e reconhecidas de afirmação coletiva e visão transformadora da sociedade. (MONTEIRO, 2004).

Sugestões estas só possíveis de se tornarem soluções para o equacionamento dos problemas da vulnerabilidade sócioambiental, quando

relacionadas à aplicabilidade de uma gestão urbana mais efetiva, uma participação social e o fortalecimento do papel do Estado. Os subsídios relevantes, neste trabalho, são: a identificação de áreas de risco, tanto social quanto ambiental, a subdivisão dos catadores em grupos e as prioridades dos catadores, enquanto atores vulneráveis. Neste sentido, poderá ser feito, um planejamento de políticas públicas ao identificar e caracterizar as áreas críticas com alta vulnerabilidade social e ambiental, buscando resultados significativos na redução da mesma. Podendo-se, também, levar em consideração a não grandiosidade do número residentes no local.

## 7 Referências Bibliográficas

- ALVES, H. P. F. Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana: uma análise sociodemográfica das situações de sobreposição espacial e de problemas e riscos sociais e ambientais. **Revista Brasileira de Estudo de População**. São Paulo, v.23, n.1, p. 43-59, jan/jul. 2006.
- BERNADET, J. C.: **O que é cinema?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1980. 96p.
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 186p.
- CARRIÈRE, J. C. **A linguagem secreta do cinema**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 223p.
- CONFALONIERE, U. E. C. Variabilidade climática, vulnerabilidade social e saúde no Brasil. **Revista Terra Livre**. São Paulo, v. 1, n. 20, p 193-204. jan/jul.2003.
- CUTTER, S. L. (Org.) **Environmental risks and hazards**. London: Prentce Hall, 1994. 196p.
- DEBRAY, R. **Vie et mort de l'Image: une histoire du regard en Occident**. Paris: Gallimard, collection Folio/Essais. p 189-204. 1992.
- FONTES, M. **Cinema e pesquisa com seres humanos: consensos e dissensos éticos**. p.51-63. In: GUILHERME, D./ DINIZ, D./ ZICKER F. **Pelas lentes do Cinema: bioética e ética em Pesquisa**. Brasília. Editora UNB, 2007. 216p.
- MACHADO, A. **As imagens técnicas: da fotografia à síntese numérica**. Imagens – Tecnológica, 3. ed. 1994, 167p.
- MENDONÇA, F. Risks, vulnerability and urban socio-environmental approach: a reflection on the CMS and Curitiba. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Paraná. v.13. n. 10, p. 139-148, jul/dez. 2004.
- MIRANDA, L. L. A cultura da Imagem e uma nova proibição subjetiva. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p 25-39. Out/dez. 2007
- MONTEIRO, A. A. Renunciar à autonomia ou o movimento associativo numa encruzilhada. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Canoas. v. 12. n. 69, p.139-157. jul/dez. 2004.
- Encontro Nacional de Estudos Populacionais XIII. 2002. Ouro Preto TORRES, H.; MARQUES, E. **Tamanho populacional das favelas paulistanas-** ou os grandes números e a falência do debate sobre a Metrópole: Belo Horizonte, Editora UNBH. 2002 263p.
- VELLOSO, M. P. Waste material pickers and emancipation process. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. v. 10. n. 4 p.49-61 out/dez. 2005.
- VIRILIO, P. **A máquina de visão**. Rio de Janeiro. Editora José Olímpio. 1994. 232p.

### **Currículo do Autor**

Bacharel em Comunicação social pela Universidade Católica do Recife. Mestre em Jornalismo Investigativo Internacional e Ciências Política internacional pela Universidade de Hamburgo-Alemanha. Doutorando pela Universidade de Hamburgo-Alemanha com o tema “Agenda da mídia, agenda política e agenda social: um estudo comparativo das eleições presidenciais Brasil/Argentina 2010/2011“. Professor e Assessor Internacional de Pesquisa da Faculdade Paraíso do Ceará.